Universidade do Contestado | www.unc.br/periodicos ISSNe: 2358-6125
Profanações revista
UnC

CULTURA WOKE NO DIVÃ: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DOS MECANISMOS DE DEFESA NO RACISMO ESTRUTURAL

WOKE CULTURE ON THE COUCH: A PSYCHOANALYTIC ANALYSIS OF DEFENSE MECHANISMS IN THE STRUCTURAL RACISM

Wellington Lima Amorim[1]

RESUMO

Este esforço intelectual busca realizar uma análise crítica da Cultura Woke a partir da Filosofia e da Psicanálise, em especial o conceito de racismo estrutural. Trata-se de um tema relevante e atual que demanda reflexão e compreensão de fenômenos sociais fundamentados a partir de conceitos claros e distintos. Neste contexto, a Psicanálise se apresenta como uma ferramenta valiosa para compreender e criticar as manifestações políticas presentes na Cultura Woke e no conceito de racismo estrutural. O artigo usa a literatura de Machado de Assis como modelo crítico da sociedade e aponta dimensões que ficam escondidas nas atitudes de justiça social.

Palavras-chave: cultura; racismo; filosofia; psicanálise.

ABSTRACT

This intellectual effort seeks to carry out a critical analysis of Woke Culture from the perspective of Philosophy and Psychoanalysis, especially the concept of structural racism. This is a relevant and current topic that demands reflection and understanding of social phenomena based on clear and distinct concepts. In this context, Psychoanalysis presents itself as a valuable tool for understanding and criticizing the political manifestations present in Woke Culture and the concept of structural racism. The article uses the literature of Machado de Assis as a critical model of society and highlights dimensions that remain hidden in attitudes of social justice.

Keywords: culture; racism; philosophy; psychoanalysis.

[1]Pós-doutorado em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Pós-doutorado em Desenvolvimento Regional, Universidade do Contestado (UNC). Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Catarina. Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: wellington.amorim@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7299-410X

Artigo recebido em: 28/04/2025
Artigo aprovado em: 22/07/2025
Artigo publicado em: 08/08/2025
Doi: https://doi.org/10.24302/prof.v12.5936

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a desenvolver uma abordagem interdisciplinar sobre um tema da cultura contemporânea: o fenômeno conhecido pela palavra inglesa woke. Nesse contexto, o presente estudo propõe uma articulação entre a teoria freudiana e a filosofia social adentrando o funcionamento da Cultura Woke, analisando suas práticas e discursos, principalmente à luz da Psicanálise. A Psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud, oferece um aparato teórico robusto para compreender os conflitos inconscientes que moldam o comportamento humano. Seus conceitos centrais revelam como traumas, desejos reprimidos e conflitos psíquicos podem se manifestar em distúrbios emocionais e sociais. A análise desses elementos é particularmente relevante para entender situações complexas, como as manifestações coletivas de identidade e a reatividade de certas atitudes. Ao explorar os principais mecanismos de defesa propostos por Freud é possível lançar luz sobre as motivações inconscientes que impulsionam discursos e comportamentos sociais, inclusive os que se afirmam como progressistas ou transformadores. Dessa forma, o objetivo é investigar como os conceitos de recalque e ressentimento podem operar como fundamentos subjetivos que alimentam reivindicações identitárias e políticas, muitas vezes expressando conteúdos psíquicos reprimidos por vias ideológicas. A análise também se estende ao conceito de racismo estrutural, problematizando sua possível utilização como mecanismo de racionalização e projeção. Assim, pretende-se oferecer uma leitura crítica e aprofundada sobre os efeitos psíquicos e sociais da militância identitária contemporânea, sem deslegitimar suas pautas, mas expondo suas possíveis raízes inconscientes e contradições internas.

A PSICANÁLISE E A CULTURA WOKE

Através do estudo das obras completas de Freud e da evolução da sua teoria é possível compreender as complexidades dos diversos mecanismos de defesa e os possíveis traumas e conflitos que podem levar a distúrbios psicológicos graves. A compreensão dos principais conceitos e contribuições do pai da Psicanálise, como o inconsciente, os mecanismos de defesa e a solução de conflitos psíquicos, é essencial para entender como sua teoria se aplica à sexualidade. No contexto da teoria freudiana, as neuroses são distúrbios psicológicos decorrentes dos conflitos não resolvidos entre as pulsões instintivas e os mecanismos de defesa inconscientes. Freud identificou diferentes tipos de neuroses, como histeria e neurose obsessiva, desenvolvendo métodos terapêuticos para abordá-las. Já as psicoses, segundo Freud, envolvem uma ruptura mais profunda da realidade e um colapso das defesas do ego, resultando em distorções graves da percepção e do pensamento. Por sua vez, os mecanismos de defesa são peças-chave na teoria freudiana, pois representam estratégias inconscientes para lidar com ansiedades e conflitos internos. Freud identificou diversos mecanismos de defesa, ilustrando como esses processos podem influenciar a manifestação e a manutenção de diversos distúrbios de nossa psiquê. Compreender esses mecanismos é essencial para os profissionais de saúde mental, pois fornece insights para o trabalho clínico e terapêutico, são eles:

- O **recalque** é um dos mecanismos de defesa mais estudados por Freud. Ele envolve a repressão de desejos, pensamentos ou memórias perturbadoras do consciente para o inconsciente. O recalque é utilizado pelo ego como uma forma de lidar com conteúdos psíquicos indesejados, mantendo-os fora da consciência para evitar angústias ou conflitos internos. Segundo Freud, o recalque desempenha um papel fundamental na formação do inconsciente e na estruturação da psique humana.

- Por sua vez, a **projeção** é um mecanismo de defesa no qual aspectos indesejados do self são atribuídos a outras pessoas. Isso permite que o indivíduo evite reconhecer esses aspectos em si mesmo, transferindo-os para os outros. Freud acreditava que a projeção era uma forma de lidar com ansiedades e inseguranças, pois deslocava para fora do self aquilo que era perturbador, minimizando a angústia associada a tais aspectos.

- Na **racionalização**, o ego busca justificar ou explicar comportamentos, pensamentos ou sentimentos indesejados de uma forma aparentemente lógica e aceitável. Essa estratégia ajuda o indivíduo a lidar com a dissonância cognitiva, minimizando a angústia associada a ações ou desejos considerados inaceitáveis. No entanto, essas justificativas muitas vezes servem para manter o conflito subjacente.

- Por outro lado, a **formação reativa** ocorre quando o indivíduo adota comportamentos ou atitudes opostas àquelas que verdadeiramente desejaria expressar. Isso ocorre como uma tentativa de negar ou suprimir impulsos ou desejos inconscientes são considerados inaceitáveis.

- A **sublimação** envolve a canalização de impulsos ou desejos indesejados para atividades socialmente aceitáveis ou produtivas. Freud considerava a sublimação como um dos mecanismos de defesa mais maduros, pois permite que o indivíduo encontre expressão para seus instintos sem violar as normas sociais. Essa estratégia é frequentemente associada à criatividade, realizações artísticas, intelectuais ou esportivas, proporcionando uma saída saudável para os impulsos inconscientes.

Com o que foi exposto acima a Cultura Woke e o conceito de racismo estrutural pode ter como alicerce o ressentimento que na perspectiva psicanalítica é definido como um sentimento de mágoa causado por uma situação ou evento passado que não foi adequadamente resolvido. Ou seja, possui características como a persistência da emoção negativa, a tendência a reviver constantemente a situação que a originou e a dificuldade em superar o sentimento de injustiça. O ressentimento pode afetar significativamente a vida emocional e relacional do indivíduo, influenciando suas interações sociais e a forma como lida com situações cotidianas, que pode se manifestar de forma velada, influenciando o comportamento do indivíduo de maneira sutil, mas impactante.

Estas características evidenciam a complexidade do ressentimento e sua relevância no campo da Psicanálise, especialmente em relação ao papel do recalque na sua produção. A relação entre recalque e ressentimento é central na teoria freudiana, uma vez que pode ser entendido como uma das origens do ressentimento. O processo de recalque envolve a repressão de desejos e emoções considerados inaceitáveis, levando à sua permanência no inconsciente e podendo gerar sentimentos de frustração e mágoa. Dessa forma, o ressentimento pode ser compreendido como uma consequência do não reconhecimento e processamento adequado desses conteúdos reprimidos, o que ressalta a importância do recalque na produção do ressentimento na dinâmica psíquica dos sujeitos.

O recalque como mecanismo de defesa, atua reprimindo impulsos e desejos inconscientes, tornando-os inacessíveis à consciência. Essa repressão gera um acúmulo de energia psíquica, que pode se manifestar na forma de ressentimento, quando a pessoa sente-se lesada ou frustrada (Grünbraum, 1984, p. 3). Freud explora essa relação ao destacar que o recalque de desejos não satisfeitos pode ser a origem do ressentimento, que surge como uma forma de expressão das dores reprimidas. Compreender a relação entre recalque e ressentimento oferece insights importantes para a prática clínica e a compreensão do sofrimento psíquico. O recalque desempenha

um papel central na produção do ressentimento em Freud, pois atua como a origem dos sentimentos de mágoa e frustração reprimidos. Ao reprimir desejos e impulsos, o recalque cria um acúmulo de energia pulsional que não encontra uma saída satisfatória, o que pode levar à emergência do ressentimento. Como resultado, o indivíduo pode manifestar um sentimento prolongado de indignação, alimentado por lembranças reprimidas e desejos insatisfeitos. Compreender o recalque como origem do ressentimento é essencial pois permite uma análise mais profunda das causas do sofrimento psíquico e a identificação de possíveis traumas reprimidos presentes na Cultura Woke.

A Cultura Woke tem origens no movimento afro-americano dos anos 60 e 70, mas ganhou destaque nos últimos anos, principalmente nas redes sociais e movimentos ativistas[2]. Seu desenvolvimento está relacionado à busca por justiça social, equidade e representatividade, baseando-se em questões como racismo, sexismo, LGBTQ+fobia, entre outras formas de discriminação sendo definida como um movimento que promove a conscientização e ação em relação às questões de justiça social e identidade. Suas características incluem a ênfase na ampliação do conhecimento sobre as opressões históricas, a sensibilidade para com as experiências das minorias, e a busca por mudanças estruturais para garantir a igualdade de oportunidades para todos. Os principais elementos da Cultura Woke incluem a defesa dos direitos das minorias étnicas, de gênero, de orientação sexual, bem como a promoção da diversidade cultural e o combate ao preconceito e discriminação (Neiman, 2024). Suas pautas englobam temas como igualdade salarial, representatividade nos meios de comunicação, políticas de inclusão e equidade, entre outros.

[2]Em 2017, o dicionário inglês Oxford acrescentou este novo significado de woke, definido como: "estar consciente sobre temas sociais e políticos, especialmente o racismo". Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4y82w737do#:~:text=Para%20as%20pessoas%20%22woke%22%2C,persistiam%20sem%20puni%C3%A7%C3%A3o%2C%20nem%20mudan%C3%A7a.

A análise do conceito de ressentimento e recalque em Freud na Cultura Woke revela a formação dos mecanismos de defesa nas pautas dessa cultura. A busca por compreender como o ressentimento e os processos de recalque descritos por Freud se manifestam e são utilizados como bases de reivindicação e mobilização é crucial para o entendimento do seu funcionamento e impacto social. A compreensão de como esses conceitos são utilizados como justificativas e fundamentos para a denúncia de injustiças e a busca por transformações sociais é essencial para a análise crítica da atuação desta cultura. E por isso, a Cultura Woke tem sido alvo de diversas críticas e controvérsias, especialmente por parte de diferentes correntes ideológicas. Alguns argumentam que esta cultura promove uma visão polarizada e maniqueísta da sociedade, levando ao cancelamento e à intolerância em relação a opiniões divergentes. Por outro lado, defensores da Cultura Woke afirmam que tais críticas são uma reação ao conservadorismo que é considerado um obstáculo para o avanço da igualdade e da justiça social.

É neste ponto que nos deparamos com outro mecanismo de defesa freudiano, a formação reativa e as reivindicações na Cultura Woke, que revelam pontos importantes de conexão. Ambas as teorias estão preocupadas com a maneira como as emoções são reprimidas e os traumas individuais influenciam o comportamento do humano na coletividade. Ao analisar as similaridades e divergências conceituais entre a formação reativa de Freud e as práticas da Cultura Woke, por exemplo, na luta contra o racismo, é possível observar que ambos visam lidar com questões relacionadas a valores, crenças e comportamentos, mesmo que a formação reativa da Cultura Woke tenha um foco mais amplo envolvendo questões sociais e políticas, é importante considerar o papel das emoções e do inconsciente na formação reativa que a Cultura Woke enfatiza e a importância da conscientização e da ação coletiva, como por exemplo, na luta contra o racismo.

Por outro lado, os efeitos e resultados na sociedade provenientes da aplicação dos conceitos de formação reativa e das práticas políticas da Cultura Woke na luta

contra o racismo são significativos. Todavia, não se pode esquecer que a formação reativa pode gerar impactos na saúde mental, no comportamento individual, na fragmentação do tecido social, influenciando as relações interpessoais e sócio-políticas. Por consequência, outro mecanismo de defesa utilizado pela Cultura Woke é a teoria da projeção de Freud, sendo possível identificar como indivíduos e grupos minoritários atribuem seus próprios sentimentos, desejos e impulsos a outros, especialmente àqueles que são considerados como grupos "privilegiados". Isso gera um fenômeno complexo de projeção que influencia as práticas e discursos da Cultura Woke, sendo fundamental a investigação para uma compreensão mais profunda desse movimento social e político.

É possível identificar a projeção de aspectos indesejados do self para o outro, bem como a projeção de ideais e aspirações. Além disso, a noção de identificação projetiva também é relevante, uma vez que indivíduos e grupos acabam internalizando aspectos projetados e os expressando de maneira coletiva. Essa análise permite compreender como as dinâmicas inconscientes que permeiam a Cultura Woke, oferece insights importantes para a compreensão crítica desse fenômeno cultural. A identificação de mecanismos de projeção na Cultura Woke ressalta a prática frequente de projetar aspectos indesejados da sua identidade individual ou coletiva em grupos sociais específicos, como forma de lidar com sentimentos de culpa, ansiedade ou inadequação.

Além disso, pode ser observado o uso da projeção para reforçar a noção de superioridade moral e intelectual frente aos que são considerados não despertos, alienados e não conscientes das lutas que a Cultura Woke empreende. E ainda, pode-se considerar que a Cultura Woke realiza práticas racistas com a justificativa de luta contra outras práticas consideradas da mesma forma racistas, reforçando atitudes discriminatórias, ou melhor, manifestações de conteúdos inconscientes reprimidos. Neste sentido, o racismo pode ser considerado como uma projeção de aspectos indesejados da psique do sujeito, que são deslocados para o outro. Esta perspectiva

permite uma abordagem mais aprofundada das origens do preconceito racial e contribui para a conscientização sobre as motivações subjacentes ao comportamento discriminatório. A projeção racial aborda as complexas interações entre a percepção de si mesmo e a visão do outro, especialmente no contexto das relações raciais. A compreensão dos processos de projeção em relação à identidade racial é fundamental para desvendar as dinâmicas envolvidas no racismo e na construção de estereótipos sociais. Ao aplicar os conceitos de projeção de Freud, é possível analisar de forma mais aprofundada como as manifestações do preconceito e suas implicações na formação da identidade individual e coletiva se fazem presentes nas pautas e lutas da Cultura Woke. Com isso, acaba-se por se fazer presente o mecanismo de defesa denominado por racionalização.

Freud aponta para o fato de como uma pessoa distorce a realidade de forma a justificar racionalmente comportamentos, pensamentos ou sentimentos que, na verdade, estão enraizados em motivos inconscientes ou inaceitáveis. A racionalização permite que a pessoa mantenha uma imagem positiva de si mesma, evitando conflitos internos e justificando suas ações de maneira lógica e aceitável para si e para os outros, o que protege a sua autoestima e autoimagem. Freud destaca que essa defesa pode ser observada em diferentes aspectos da vida cotidiana, interferindo no comportamento e nas relações interpessoais. A racionalização envolve a elaboração de justificativas plausíveis para comportamentos ou desejos que são, na verdade, motivados por fatores inconscientes, como medos, impulsos agressivos reprimidos ou outros conflitos internos. Ela oferece uma espécie de 'explicação lógica' para ações que, se analisadas em profundidade, revelariam seus verdadeiros motivos inconscientes. Além disso, a racionalização muitas vezes está vinculada à negação, já que a pessoa pode recusar-se a aceitar certas verdades desconfortáveis sobre si mesma, encontrando maneiras de justificar ou explicar essas negações de forma lógica e convincente para si mesma e para os outros.

OS LIMITES DO RACISMO ESTRUTURAL E *QUINCAS BORBA* DE MACHADO DE ASSIS

Dito isso, no caso do conceito de racismo estrutural, se defende a existência da perpetuação de padrões de exclusão e discriminação de grupos étnicos minoritários por meio de instituições sociais, políticas e econômicas (Almeida, 2020). Esse conceito propõe que vá além do preconceito individual, abrangendo as práticas sistêmicas que subjazem as relações sociais. Dessa forma, o racismo estrutural fundamenta-se na ideia da existência de dispositivos culturais que buscam manter desigualdades e reprodução de estereótipos, limitando o acesso a recursos e oportunidades para determinados grupos étnicos. Portanto, sua compreensão demanda a análise das estruturas sociais e institucionais que promovem a marginalização e a opressão. Ou melhor, no conceito de racismo estrutural destacam-se a invisibilidade das práticas discriminatórias, a naturalização das desigualdades e a interseccionalidade das opressões. Além disso, o racismo estrutural se manifestaria por meio de políticas e normas que reforçam a subordinação racial, bem como pela reprodução de estereótipos e pela negação de oportunidades de ascensão social. Essa forma de racismo seria enraizada nas estruturas históricas e culturais, permeando diversas esferas da vida social e construindo barreiras sistêmicas à plena participação e igualdade de grupos étnicos minoritários.

Na interseção entre o conceito de racismo estrutural e os mecanismos de defesa de Freud, é possível identificar como o racismo pode ser um mecanismo de defesa coletivo, protegendo os indivíduos de reconhecerem a própria responsabilidade ao realizar práticas racistas para combater outras práticas racistas, gerando comportamentos contraditórios (Mcwhorter, 2021). Além disso, a negação, um dos mecanismos de defesa identificados por Freud, pode ser observada em situações em que as pessoas negam a existência de práticas racistas de grupos considerados minoritários, minimizando sua gravidade e impacto. Dessa forma, a interseção entre

esses dois conceitos evidencia como os mecanismos de defesa podem estar presentes na perpetuação do racismo, dificultando a sua superação, racionalizando e criando conceitos para justificar sua dissonância cognitiva. Ao analisar as possíveis conexões e paralelos entre o conceito de racismo estrutural e os mecanismos de defesa na perspectiva de Freud, torna-se evidente que a naturalização de práticas racistas e preconceitos raciais contra outros grupos consideradas racistas pode ser equiparada a um dos aspectos da racionalização, mecanismo de defesa que consiste na justificação de comportamentos ou crenças para diminuir a ansiedade e angústia. Além disso, a projeção, pode ser observada nas situações em que indivíduos projetam seus próprios preconceitos e desconfortos em relação ao outro supostamente racista.

No contexto do racismo estrutural, a racionalização pode se manifestar quando indivíduos tentam justificar atitudes discriminatórias com argumentos supostamente racionais, como alegações de diferenças econômicas, biológicas ou culturais para combater uma suposta hierarquia racial. Essas justificativas aparentemente lógicas mascaram a verdadeira motivação do preconceito e perpetuam a estrutura de desigualdade. Portanto, a racionalização atua como um mecanismo de defesa frente ao desconforto causado pela própria intolerância, oferecendo uma falsa sensação de legitimidade para os comportamentos discriminatórios no combate ao racismo. Neste caso o conceito de racismo estrutural pode funcionar como uma racionalização, mecanismo de defesa, para justificar ações e desejos indesejados projetado no Outro.

O racismo estrutural se assemelha ao conceito de humanitas e seu criador, o filósofo Quincas Borba de Machado de Assis. É importante lembrar que entender a contextualização histórica e literária é fundamental para compreender a obra machadiana, incluindo Quincas Borba. No século XIX, o Brasil passava por transformações sociais, políticas e culturais significativas, marcadas pelo fim do período colonial e pela ascensão da Monarquia. Na literatura, havia um movimento de busca por uma identidade nacional, influenciado pelo romantismo europeu. Machado de Assis, atento a essas mudanças, incorporou-as em suas obras, explorando

ironicamente a complexidade da sociedade brasileira da época, marcada por uma visão crítica e irônica da sociedade, abordando temas como a moralidade, a loucura e a natureza humana.

A obra Quincas Borba narra a história de Rubião, um ex-professor de matemática que herda uma grande fortuna de seu amigo Quincas Borba. A trama se desenrola a partir da mudança de Rubião para o Rio de Janeiro, onde ele é influenciado pelo pensamento filosófico de Quincas Borba, baseado no Humanitismo. A obra apresenta situações cômicas e críticas sociais, enquanto acompanha a progressiva deterioração mental de Rubião. **O olhar trágico, irônico e cômico na Obra de Quincas Borba demonstra como é inaplicável a Filosofia humanitista na cultura brasileira, que buscava representar as virtudes e características que definiam um ser humano ideal.** 'Quincas Borba' de Machado de Assis utiliza o conceito de humanitismo para fazer uma crítica social irônica, perspicaz e inovadora. Através do personagem principal, Rubião, o autor expõe as contradições e hipocrisias da sociedade carioca do século XIX, **que vive de modismos europeus**, revelando as relações de poder, a hierarquia social e a decadência moral. Por meio do olhar de Rubião, se desnuda a superficialidade do conceito de racismo estrutural e a hipocrisia dos filósofos academicistas, na busca desenfreada pelo status e a falta de verdadeira empatia.

Machado de Assis, em sua obra "Quincas Borba", faz uma crítica social profunda ao apresentar um excêntrico filósofo cujas ideias são marcadas pelo conceito de "Humanitas" e pela famosa máxima "ao vencedor, as batatas" (ASSIS, 1994, p. 656). Através desse personagem, Machado expõe e satiriza a sociedade brasileira do século XIX. Não poderia ser também chamado "**O século XXI e a Cultura Woke"? Ou o conceito de racismo estrutural?** Quincas Borba é um personagem que, apesar de sua excentricidade e aparente loucura, revela as hipocrisias e superficialidades da sociedade e sua Filosofia prega a sobrevivência dos mais fortes ("ao vencedor, as batatas"), serve como uma metáfora para o comportamento egoísta e interesseiro das pessoas ao seu redor. Ele mostra como os indivíduos são capazes de manipular e

explorar os outros para alcançar seus objetivos pessoais, **não importando raça, cor, religião, gênero ou etnia**. A Filosofia de Quincas Borba desafia as noções tradicionais de moralidade, sugerindo que a luta pela sobrevivência e o interesse próprio são forças motrizes da humanidade.

Machado de Assis usa o personagem para questionar a validade de normas e valores sociais, expondo a fragilidade e a relatividade da moralidade. A transformação de Rubião, o personagem principal, após herdar a fortuna de Quincas Borba, reflete a crítica de Machado ao materialismo e à ganância. Rubião, inicialmente um homem simples e bem-intencionado, é corrompido pela riqueza e pelo poder, tornando-se uma vítima das próprias ambições. A decadência de Rubião ilustra como o materialismo pode destruir a integridade e a moralidade de uma pessoa. A loucura de Quincas Borba serve como um espelho para a sociedade que sugere que a linha entre sanidade e loucura é tênue. Quincas Borba, com suas ideias extravagantes, expõe as contradições e irracionalidades da sociedade dita "normal".

A análise crítica do conceito de racismo estrutural, especialmente à luz das argumentações de Muniz Sodré (UFRJ), revela um campo de estudo que se desenvolve a partir de diferentes perspectivas teóricas e empíricas, observando que a identidade étnica, embora relevante, não é suficiente para proteger imigrantes da discriminação racializada. Essa análise inicial sugere que a compreensão do racismo deve ser dissociada da etnicidade, enfatizando a necessidade de uma abordagem que considere a raça como uma construção social que molda as dinâmicas de poder, argumentando que o colonialismo estabeleceu um sistema de supremacia branca que, por meio da violência institucionalizada, perpetuando a opressão racial. Porém o conceito color blindness enfatiza a importância de reconhecer o racismo como um fenômeno que afeta a Educação e outras áreas, mas desafia a existência de formas estruturais de racismo que não existem mais no Brasil desde a abolição (Sodré, 2023).

Por isso, reforçar as divisões raciais são frequentemente uma resposta às necessidades de elites econômicas e de mercado, sugerindo que o racismo é uma

condição necessária para a manutenção do sistema capitalista. Por isso, o conceito de color blindness ignora as diferenças raciais, desvalorizando diferenças raciais significativas, seja na cultura africana ou europeia busca, não contribuir para a perpetuação de preconceitos enraizados, que se refletem nas atitudes dos educadores e na formação da identidade seja de alunos negros ou de qualquer outra etnia reforçando a necessidade de uma representação mais equitativa das narrativas. Negar as características raciais sejam de negros ou qualquer outra etnia contribui para a humanização e a inclusão social.

Nunca é demais lembrar que foi a demarcação racial da espécie humana que fundamentou o racismo na Alemanha nazista revelando uma complexa interseção entre ideologias científicas, políticas e sociais que emergiram ao longo do tempo. Foi o darwinismo e o positivismo do século XIX (sustentáculos da sociedade capitalista do século XXI) que conferiram uma credibilidade pseudocientífica ao racismo, permitindo que características culturais e psicológicas fossem vistas como geneticamente determinadas. Essa perspectiva foi instrumental para a radicalização do anti-semitismo, que se tornou um pilar do sistema nazista, promovendo uma ideologia de pureza racial que culminou em legislações estruturais discriminatórias e na exclusão gradual dos judeus da vida social e cultural. Importante dizer que a divisão racial, que teve suas raízes na Revolução Francesa, foi crucial para a ascensão da burguesia e para a construção de uma narrativa que deslegitimava as chamadas "raças inferiores". Essa narrativa foi recuperada e intensificada pelo Nazismo, que a aplicou como justificativa para a dominação e eliminação de grupos considerados indesejáveis. A construção de uma hierarquia racial, sustentada por naturalistas dos séculos XVIII e XIX, criou um legado que, embora tenha sido desafiado a partir da década de 1970 com os avanços científicos, deixou um impacto duradouro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tal maneira, percebe-se que, através dos mecanismos de defesa freudianos e as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas, há uma complexidade no fenômeno da Cultura Woke e do racismo estrutural. A intenção de combate ao preconceito racial pode sofrer com formas inconscientes de comportamento em indivíduos e grupos que negam ou projetam suas próprias emoções de forma coletiva. Essa perspectiva psicanalítica evidencia que as manifestações de ressentimento, discriminação e intolerância podem estar enraizadas em conflitos internos não resolvidos, que se manifestam na perpetuação de desigualdades e na resistência às mudanças sociais. Assim, compreender esses mecanismos é fundamental para uma abordagem mais consciente e crítica das ações sociais, políticas e culturais, promovendo uma reflexão sobre as origens psíquicas de comportamentos discriminatórios e de resistência às transformações sociais.

O objetivo deste artigo não é assentar discriminações raciais como naturais ou naturalizáveis, mas apontar para a complexidade do debate. A obra de Machado de Assis, em especial Quincas Borba, exemplifica como a as ações podem ser desviadas pelas melhores intenções, revelando que a luta contra o racismo e a desigualdade exige uma compreensão profunda dessas forças inconscientes. Assim, a integração dos conceitos freudianos com as questões sociais contemporâneas oferece uma ferramenta valiosa para promover uma análise mais empática, crítica e transformadora da sociedade, contribuindo para o avanço de uma cultura mais justa e consciente de suas próprias contradições.

Conclui-se que a ideia de que o racismo estrutural pode ser instrumentalizado a partir do ressentimento ou recalque e mecanismos de defesa como as projeções e racionalizações, para justificar racismos, penalizando grupos sociais e étnicos diversos, resultando em graves violações de direitos humanos. Uma identidade nacional, moldada pela noção de unidade racial, apesar de princípios liberais de igualdade de

direitos e progressismos, pode esconder racismos inconscientes que permitem a hierarquização da humanidade, justificando práticas racistas e genocidas. Em suma, a diferença racial pode ser uma ferramenta prática utilizada para legitimar e perpetuar o racismo contra qualquer etnia, raça etc... evidenciando e interconectando, Ciência, Política e Ideologia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2020.

ASSIS, Machado de. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 23.

FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa (1894). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 3.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24 v.

FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade (1926). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 20.

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 19.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 21.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. Estudos sobre a histeria (1895). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 2.

GARCIA, Amanda. Racismo no Brasil não é estrutural, é institucional, defende professor. **CNN BRASIL**, 11 abr. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/racismo-no-brasil-nao-e-estrutural-e-institucional-defende-professor/ Acesso em: 20 maio 2025.

GRÜNBRAUM, Adolf. **The Foundations of Psychoanalysis**: a philosophical critique. Los Angeles: University of California Press, 1984.

MCWHORTER, John. **Woke racism**: how a new religion has betrayed Black America. New York: Penguin, 2021.

NEIMAN, Susan. **Izquierda no es woke**. Barcelona: Debate, 2024.

RISÉRIO, Antônio. **Identitarismo**. São Paulo: LVM, 2024.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.